



AUTOBIOGEOGRAFIA COMO METODOLOGIA DECOLONIAL

AUTOBIOGEOGRAPHY AS DECOLONIAL METHODOLOGY

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues / UFG

RESUMO

Neste artigo apresento os conceitos “espaço” e “lugar” de acordo com abordagens oferecidas pela geografia humanista e pela geografia feminista. Em seguida, destaco a relevância da política do lugar e da política da identidade para o campo das escritas de vida poscoloniais. Tal reflexão culmina no termo “autobiogeografia”, o qual designa a metodologia autobiográfica situada que utilizo para articular práticas decoloniais. Por último, mostro imagens de alguns de meus trabalhos artísticos que estão de alguma forma ligados aos conceitos previamente apresentados neste texto.

PALAVRAS-CHAVE

Autobiogeografia, Autobiografia, Política do Lugar, Prática Artística, Decolonialidade.

ABSTRACT

In this article I present the concepts "space" and "place" according to notions offered by humanistic geography and feminist geography. Next, I emphasize the relevance of both the politics of place and the politics of identity for the field of postcolonial life writing. These thoughts culminate in the term "autobiogeography", which designates the situated autobiographical methodology that I use for articulating decolonial practices. Lastly, I show images of some of my artworks that somehow are related to the concepts previously presented in this paper.

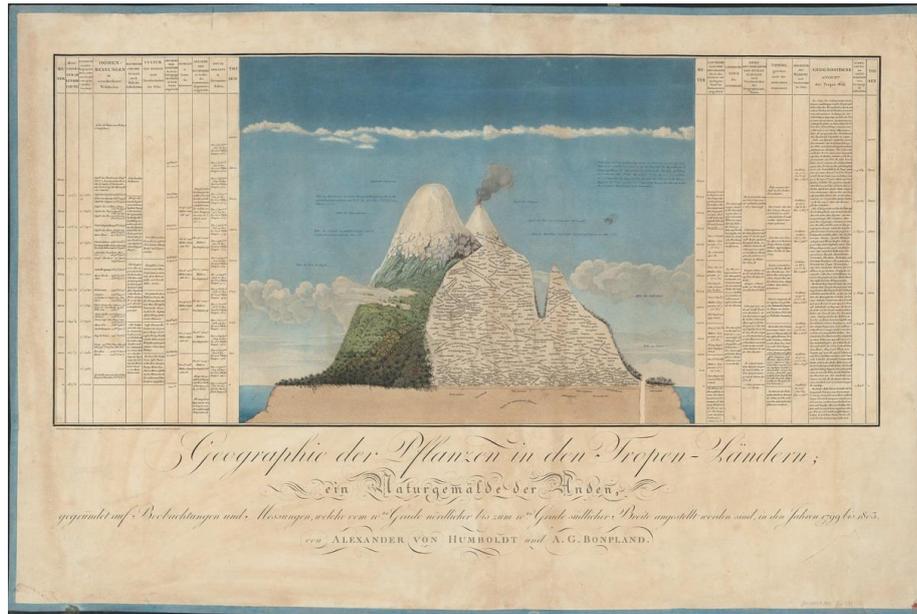
KEYWORDS

Autobiogeography, Autobiography, Politics of Place, Art Practice, Decoloniality.

Espaço e Lugar

Espaço e lugar são conceitos que podem variar substancialmente de acordo com as diversas tradições teórico-metodológicas adotadas para delimitá-los. No início dos anos 1970, geógrafas e geógrafos atuantes em diversas tradições da geografia (comportamental, humanista, estruturalista, feminista) começaram a desafiar o paradigma positivista na geografia ocidental (HUBBARD, KITCHIN, 2011). Inclusive, alguns deles passaram a questionar os limites da própria geografia cultural influenciada por Carl Sauer¹, nos Estados Unidos. Tal questionamento foi dirigido principalmente às abordagens de Sauer que enfatizavam os aspectos físicos e materiais da paisagem e desconsideravam, em grande medida, a complexidade das dimensões social e sensível do espaço e do lugar (JACKSON, 1989). Assim, críticos às suas proposições procuraram se aproximar do campo das humanidades e, ao mesmo tempo, tomar distância das ciências sociais, uma vez que estas tendiam a negar a individualidade, a subjetividade e a criatividade, fatores que se tornaram caros aos pesquisadores interessados nas relações entre as qualidades simbólicas da cultura e as experiências vividas no espaço (JACKSON, 1989).

Por meio de investigações baseadas em abordagens fenomenológicas e existencialistas apoiadas nas obras de Bachelard, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, alguns geógrafos² da tradição humanista desenvolveram, naquele momento, um corpo teórico-conceitual para enfatizar as relações das pessoas não com esquemas geométricos espaciais, mas com os espaços do/no mundo por meio dos sentidos (HUBBARD, KITCHIN, 2011). Surgiam, assim, as bases da geografia humanista ou humanística, a qual se constituiu como campo reflexivo de estudo que busca compreender como o espaço se transforma em lugar quando adquire identidade por meio da experiência humana (TUAN, 1976). Pesquisadoras e pesquisadores, com especial destaque para o geógrafo Yi-Fu Tuan (TUAN, 2004; RODAWAY, 2011)³, passaram então a usar a literatura e a pintura como fontes adicionais de informação sobre o espaço geográfico e as qualidades subjetivas do lugar. Isso se deve ao fato de escritores e artistas naturalistas incorporarem lugares “reais” às suas obras com certa frequência (JACKSON, 1989).



Naturgemälde ou Chimborazo Map, Alexander von Humboldt. Ilustração publicada em "The Geography of Plants", 1807, 54 x 84 cm. Imagem: domínio público.

Entretanto, Jackson (1989, p. 20) argumenta que *"most of the work in humanistic geography and literature has shared an élitist view of culture and an obsessive interest in landscape"*⁴. O autor propõe, então, uma reorientação da geografia cultural e chama a atenção para a necessidade de se utilizar um conceito mais "ativo" e menos elitista de cultura⁵. Ele ressalta, ainda, que diversas "culturas" são (re)produzidas por meio de práticas sociais diversas localizadas em contextos históricos e geográficos específicos. Para Jackson (1989, p. 23), *"it is in the specification of context in its fullest sense that geography can make its most immediate contribution to cultural studies [...]"*⁶.

Na geografia humanista, tanto a valorização da experiência individual no espaço quanto a compreensão de "lugar" como *locus* da formação identitária se dão por meio de uma abordagem que manteve o foco das reflexões e análises concentrado em questões relativas à paisagem, à Natureza e à consciência humana (JACKSON, 1989). Tal ideia de lugar favorece uma perspectiva universalista que falha em oferecer uma visão mais crítica, pontual e interseccional do corpo do indivíduo e do corpo social em relação ao espaço e ao lugar que criam, experienciam e ocupam.

A geografia feminista foi um dos campos que gerou muitos questionamentos à individualização excessiva e despolitizada cultivada, de maneira geral, pela

geografia humanista. Geógrafas feministas passaram a chamar a atenção para o fato de que tal abordagem poderia desencadear definições conservadoras de espaço e lugar, além de mascarar as relações de poder inerentes à constituição de tais elementos geográficos (WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP OF THE IBG, 1984). Nesse sentido, as geógrafas Linda McDowell (1998), Gillian Rose (1993 e 2001) e Doreen Massey (1994 e 2005) passaram a oferecer alternativas teóricas e metodológicas às noções androcêntricas não só de espaço e lugar geográficos, mas também do próprio lugar (masculino, branco e ocidental) da produção de conhecimento em geografia. Segundo as autoras, mesmo que o senso de lugar seja articulado por indivíduos, este não pode ser construído de forma isolada, pois a experiência individual também é relacional, social e política⁷. McDowell, Rose e Massey ressaltam, assim, a importância do senso crítico de lugar, pertencimento e identidade, sugerindo que tal percepção crítica só pode ser construída a partir da consciência de que existem diferenças, em vários níveis, mediando as experiências vividas no espaço. Compreende-se, dessa forma, que a política do lugar, quando associada à política da identidade, pode desafiar a noção de “sujeito universal” e oferecer ferramentas conceituais importantes para a identificação e problematização de tais diferenças, levando portanto ao entendimento de que percepções neutras e universais de lugar não são possíveis.

Aqui

Ao se considerar as múltiplas forças geopolíticas vigentes num mundo desigualmente globalizado, percebe-se que as discussões sobre espaço, lugar e pertencimento devem estar localizadas. Doreen Massey (1994 e 2005) afirma que discutir o espaço e o lugar é um ato que deve estar associado ao comprometimento radical com a abertura do espaço para o futuro, levando em consideração sua inerente multiplicidade e coexistência de diferenças. Para tanto, Massey (2009) cunhou o termo “*power-geometry*” para mostrar que o poder em si é relacional e abre espaços para a política. Sendo assim, para a geógrafa (MASSEY, 1994 e 2005), o espaço é um produto de processos de interação em que diversas e distintas narrativas estão constantemente se complementando e repelindo, dinamicamente.

Portanto, para assumirmos a tarefa de manter o espaço aberto ao futuro é necessário que reconheçamos sua complexidade e compreendamos que o espaço é

e sempre será uma entidade geográfica dinâmica, diversa e, por isso mesmo, fonte constante de rupturas. Diante de tal dinamismo e complexidade, Massey (2005, p. 138) se pergunta: “*if everything is moving where is here?*”⁸ Para ela (MASSEY, 2005), “aqui” é o lugar onde narrativas espaciais se encontram e formam configurações temporárias de trajetórias e histórias. Então, podemos nos mover de uma configuração a outra e transitar entre coleções de trajetórias e histórias com as quais decidimos nos relacionar. O lugar, quando compreendido como arranjo temporário de narrativas no espaço, se transforma então num elemento geográfico delimitado por bordas que, ao invés de fixas, são constructos sociais móveis influenciados por relações e contatos com outros lugares e, portanto, com outras coleções de trajetórias e histórias (MASSEY, JESS, 1995).

Escritas do aqui

A abordagem narrativa de espaço e lugar proposta por Doreen Massey fez com que eu me aproximasse do campo das escritas de vida e, assim, pudesse observar como escritas de vida situadas podem adquirir uma força questionadora potente e transformadora. Os estudos poscoloniais oferecem elementos importantes para a elaboração da crítica às diversas correntes da geografia, pois problematizam relações coloniais e conceitos universais de espaço e lugar. Moore-Gilbert (2009) afirma que as políticas do lugar de enunciação são relevantes para todas as formas de produção cultural, incluindo a autobiografia e as artes. O autor destaca a importância em se conectar corpo, lugar e deslocamento para se estudar escritas de vida poscoloniais. Segundo ele (Moore-Gilbert, 2009), a geografia feminista tem um papel fundamental na produção de um pensamento crítico a respeito dos impactos das noções de espaço e lugar na produção de narrativas de vida do ponto de vista poscolonial (e, acrescento aqui, do ponto de vista decolonial). Moore-Gilbert (2009) sugere, ainda, que a geografia feminista poderia exercer mais influência nas abordagens feministas do campo da autobiografia, já que pesquisas focadas no tema “lugar” podem desafiar e oferecer novas rotas para descentralizar concepções canônicas e universais de sujeito.

A título de exemplo, cito a obra e o pensamento de bell hooks (1990, 1995 e 2009) e Glória Anzaldúa (ANZALDÚA, 2012; ANZALDÚA, KEATING, 2002; ANZALDÚA, MORAGA, 1983; KEATING, 2009) como chaves ativadoras de reflexões liberadoras

sobre as experiências vividas no espaço e os exercícios de enunciação do lugar. Tais autoras constroem uma autolocalização crítica por meio do entrecruzamento de suas próprias trajetórias (artística, acadêmica, feminista) com suas histórias de vida e levando em consideração seus posicionamentos em relação à classe, gênero, raça, etnia, sexualidade e geopolítica.

De acordo com McKittrick (2011), a produção teórica de bell hooks é um referencial para se entender e discutir o impacto do espaço e do lugar na subjetividade de pessoas negras, bem como a complexidade das configurações e noções espaciais produzidas e imaginadas por tais indivíduos e suas coletividades. Ao enunciar sua própria experiência de mulher negra lidando cotidianamente com a supremacia branca capitalista patriarcal, bell hooks oferece uma contundente contribuição para a compreensão da geografia para além de formações identitárias estáveis, brancas, euro-americanas e androcêntricas (McKITTRICK, 2011). “*Like many of my contemporaries I have yearned to find my place in this world [...]. I need to live where I can walk*”⁹, afirma hooks (2009, p. 2).

Glória Anzaldúa (2012), por sua vez, configura um lugar marginal de resistência para a *mestiza*, termo usado pela autora para se referir à sua própria identidade híbrida de mulher norte-americana, mexicana, chicana, indígena e lésbica. Vale ressaltar o profundo aspecto autobiográfico de sua obra, em que o lugar de nascimento da autora se transforma em fonte para a construção de sua teoria (CANTÚ, HURTADO, 2012). A fronteira entre o México e os Estados Unidos, por exemplo, funciona como metáfora para os entrecruzamentos vivenciados não só por Anzaldúa, mas por outras mulheres *mestizas* que experienciam trânsitos similares entre bordas territoriais, identidades nacionais, sexualidades, identidades de gênero, deslocamentos sociais, línguas e culturas. Para Anzaldúa, a fronteira se transformou em lugar de abertura para teorizar sobre a subordinação do ponto de vista de uma consciência étnica específica (CANTÚ, HURTADO, 2012). No desejo de criar lugares de enunciação para a *mestiza*, Anzaldúa fez de seu próprio processo de produção teórica e poética¹⁰ um ato de “re-existência”¹¹ (ALBÁN ACHINTE, 2013): “*When I write it feels like I’m carving bone. It feels like I’m creating my own face, my own heart – a Nahuatl concept. My soul makes itself through the creative act*”¹² (ANZALDÚA, 2012, p. 95). Tais processos de criação, produção artística e

articulação teórica se constituem como uma “pedagogia decolonial” (ALBÁN ACHINTE, 2013, p. 451), engendrada por atos autobiográficos críticos e situados que desencadeiam processos relacionais de “re-visão” (HOOKS, 1990) e “desaprendizagem” (ALBÁN ACHINTE, 2013; MIGNOLO, 2000, 2011a e 2013).

Smith e Watson (2010) afirmam que a localização e o (auto)reconhecimento da posição discursiva do sujeito que (se) narra contestam as noções de sujeito autobiográfico universal, autônomo e desconectado das relações de poder que constituem as narrativas dominantes presentes no espaço. O (auto)posicionamento crítico – seja nas margens de bell hooks, nas fronteiras de Glória Anzaldúa, no Sul de Boaventura Souza Santos (2014) ou no Terceiro Mundo problematizado por Walter Mignolo (2000, 2011a, 2011b e 2013) e outros pensadores decoloniais – torna-se, dessa forma, uma estratégia de articulação de processos de “re-existência” (ALBÁN ACHINTE, 2013) que abrem espaço para outro tipo de sujeito: aquele que busca, lucidamente, criar caminhos que o conduzam ao “vir a ser” decolonial.

Ainda de acordo com Smith e Watson (2010), a posicionalidade do sujeito que (se) enuncia pode motivar o aparecimento de questões autobiográficas complexas e relevantes no contexto das narrativas de decolonização, imigração, deslocamento e exílio. Portanto, ao enunciar o “aqui” por meio de uma prática e/ou escrita de vida que se constitui como ato autobiográfico crítico e situado, o sujeito da enunciação traz à tona identidades e subjetividades que contestam e rearticulam o “aqui” constantemente. Nesse processo, ao se tornar consciente de suas próprias singularidades auto- bio- geo- gráficas, o sujeito da experiência, da desaprendizagem e da criação transforma não apenas o conteúdo, mas também as condições nas quais se dão as conversas epistemológicas das quais decide participar. Reformula, assim, e constantemente, seus próprios lugares de enunciação e, conseqüentemente, transforma suas realidades e identidades ao transformar a percepção que tem de si e de suas diversas posições no mundo.

Autobiogeografia como metodologia decolonial

Walter Mignolo (2013) busca em Frantz Fanon o elemento chave para evidenciar as categorias básicas das epistemologias de fronteira na opção decolonial¹³: o sentir biográfico do corpo negro no terceiro mundo. Nas palavras do autor, “*the biographical sensing of the Black body in the Third World, anchoring a politics of*

*knowledge that is both ingrained in the body and in local histories*¹⁴ (MIGNOLO, 2013, p. 132). A partir desse sentir biográfico, Mignolo (2013) sugere três atos para a identificação das geopolíticas do saber/sentir/crer e das políticas do corpo ligadas ao saber/sentir/entender: 1) identificar pontos de origem, 2) traçar rotas de dispersão, e 3) desenvolver uma consciência imigrante. Tais atos podem estimular a produção de contranarrativas (e/ou outras narrativas não necessariamente “contra-”) por parte daquelas e daqueles que se sentem, de muitas formas, “fora do lugar”:

*For people of European descent, for being in a place whose history is not the history of their ancestors; for indigenous or “pueblos originarios” who built their history in the land they inhabited, then found themselves out of place when their form of life and their institutions, education, and economy were displaced, destroyed, and replaced with ways of life and the institutions of migrants from European countries; for Africans coming from several parts of Africa, with their own different languages and beliefs, forms of life, and institutions, who found themselves in a land whose histories did not belong to their ancestors and, in contrast to the Europeans, in a land whose social structures placed them at the very bottom of the scale (MIGNOLO, 2011b, p. 109).*¹⁵

O que proponho em minha pesquisa é utilizar a autobiogeografia¹⁶ como metodologia de criação de lugares de enunciação por meio de práticas individuais e/ou coletivas que abram caminhos para o “vir a ser” decolonial, ou seja, que despertem nas sujeitas e sujeitos desejos de re-aprender a ser:

Once you take this step, even if you have not acquired these knowledges and understandings as a member of an Indigenous or Afro-Caribbean culture, or any other non-Western culture and civilization, if you are of European descent and mixed blood, once you realize that you have also been colonized, that your mind, your body, your senses, your sight, your hearing have been modelled by the colonial matrix of power, that is, by its institutions, languages, music, art, literature, etc. – or what is the same as Western Civilization – you begin to “heal.” The process of healing is that of becoming a decolonial subject, or “learning to be”¹⁷ (GAZTAMBIDE-FERNANDÉZ, 2014, p. 207).

É assim que a autobiogeografia, tomada como uma metodologia crítica, situada e criativa capaz de articular práticas decoloniais, permite que a consciência imigrante floresça. Ao mesmo tempo, por meio de tal florescimento, tal metodologia ajuda a identificar e problematizar os pontos de origem e rotas de dispersão localizados no tempo e no espaço das trajetórias e histórias de vida daquelas e daqueles que decidem se lançar à experiência e à busca do “vir a ser” decolonial.

De acordo com Mignolo (2011a), a consciência imigrante é um resultado do pensamento, do conhecimento e do sentimento de fronteira, bem como do desligamento das epistemologias eurocêntricas que nos mantêm reféns de uma percepção esvaziada de si, já que tal percepção é construída no cerne da matriz colonial do poder. Levo tal definição em consideração para ressaltar que os processos do “vir a ser” decolonial precisam ser desdobrados para fora da matriz colonial do poder, criando outros contextos – mesmo que temporários – que favoreçam os fazeres conviviais, criativos, críticos, liberadores, transpedagógicos, generosos, não competitivos, não inferiorizantes e libertos de juízos de valor fundamentados em perspectivas hegemônicas (AFONSO, 2016).

Exercícios de abertura

Quando criança, eu costumava fazer a lição de casa sobre a mesa de jantar. Certa vez, por volta dos meus dez anos de idade, me vi às voltas com uma tarefa que consistia em desenhar um mapa. Do mapa, lembro quase nada. O que não esqueço é o prazer com o qual eu manuseava aquela folha de papel carbono roxa para copiar o mapa diretamente de um dos volumes da Grande Enciclopédia Delta Larousse. Foi assim que, pela primeira vez em minha vida, o estudo da geografia virou uma desculpa para uma experiência boa. De repente, enquanto eu ignorava completamente a disciplina e me deleitava com o processo do desenho, meu pai parou ao meu lado, olhou para o que eu estava fazendo, apontou para algumas regiões do mapa e disse:

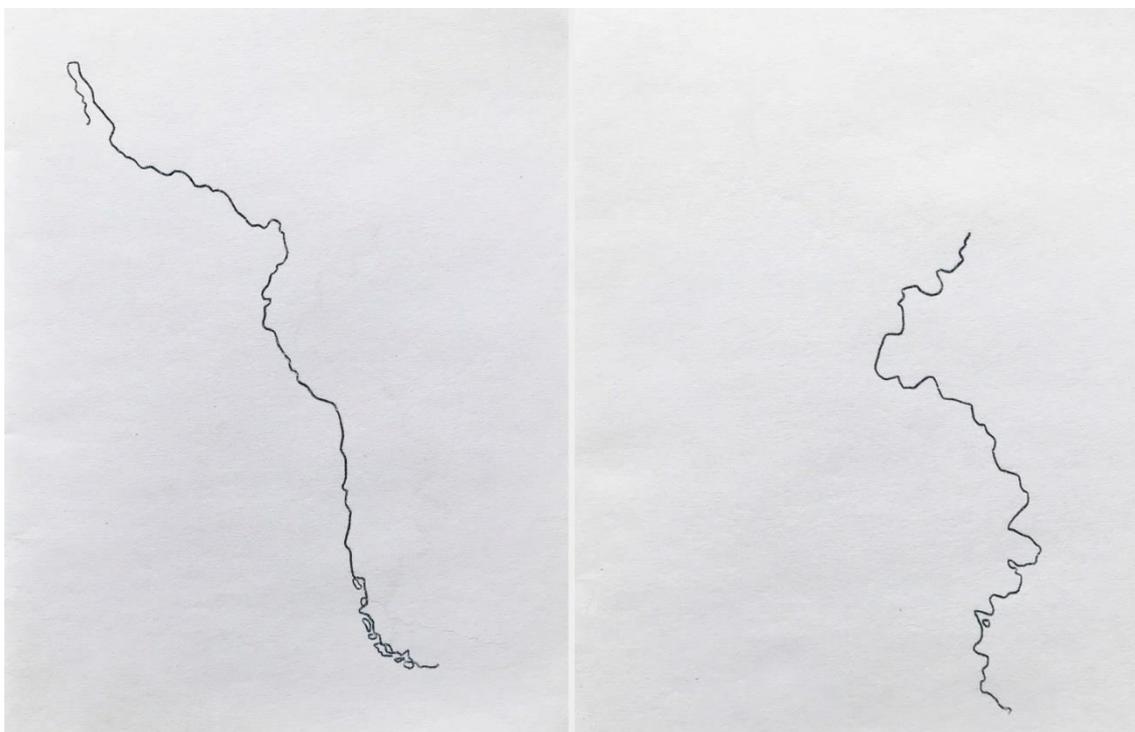
- Eu já estive aqui, aqui e aqui. E você? Você está aí desenhando este mapa mas não conhece nada sobre estes lugares.

Seu comentário me abalou profundamente. Porém, acredito que foi este choque que fez com que eu me apaixonasse pela geografia. A provocação de meu pai, um imigrante que alicerçou sua vida nas constantes viagens que continuou a fazer para ganhar o seu sustento como comerciante, me fez ver a diferença entre desenhar e viver o mapa. A partir de então me comprometi a conhecer os lugares representados em mapas ao invés de apenas memorizar suas informações geográficas de forma enciclopédica e burocrática. Decidi, também, que eu deveria viver os lugares para então criar os meus próprios mapas e, assim, passar a propor outras geografias com

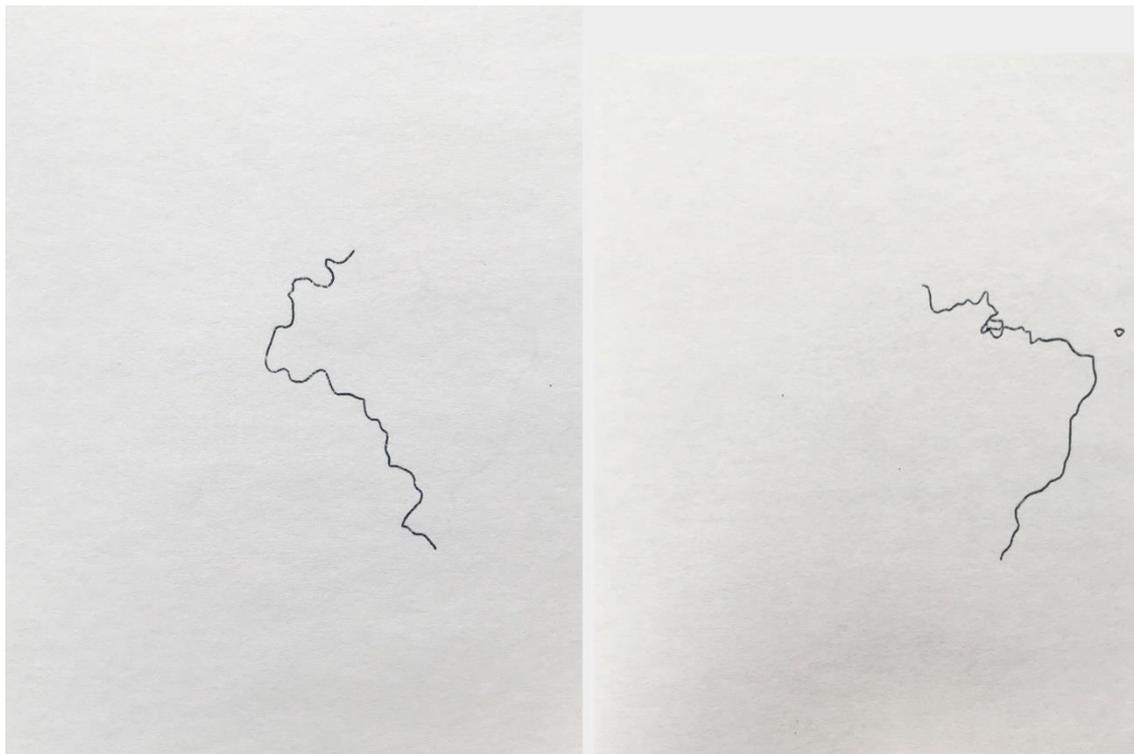
base nas minhas próprias experiências e narrativas de/no/com o mundo (AFONSO, 2016).

Tenho exercitado minha consciência imigrante por meio de uma prática multifacetada que está atrelada a experiências de deslocamento geográfico e desarticulações identitárias. Nesse processo, o conceito de autobiogeografia tem me auxiliado a criar autoposicionamentos críticos e relacionais que adquirem formas diversas em minhas práticas artística, docente e de pesquisa, as quais são articuladas individual e/ou coletivamente. Tais autoposicionamentos formam uma narrativa fragmentada, contínua, inacabada e trans-bordante sobre os meus próprios movimentos e desligamentos (*delink*, ver MIGNOLO, 2007) em direção ao “vir a ser” decolonial.

Nas imagens a seguir, apresento alguns dos trabalhos artísticos que estão em andamento e dialogam com os conceitos apresentados neste artigo.



Exercícios de abertura 1 e 2, 2013.
Desenho com papel carbono, 14 x 18,5 cm. Acervo da artista.



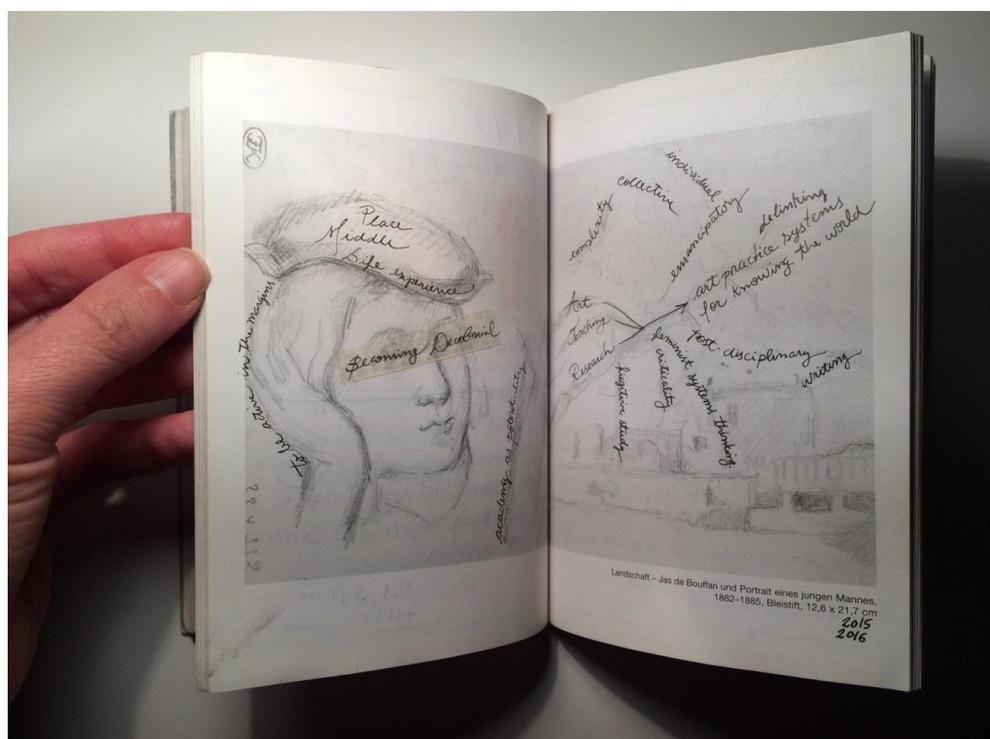
Exercícios de abertura 3 e 4, 2013.
Desenho com papel carbono, 14 x 18,5 cm. Acervo da artista.



Land – closing movement, 2013.
Cadeado sobre mapa, dimensões variadas.
Acervo da artista.



Land – opening movement, 2013.
Cadeado sobre mapa, dimensões variadas.
Acervo da artista.



Caderno de pesquisa artística, desde 2006, 15 x 21 cm. Acervo da artista.



Arqueologia de Afetos, desde 1992. Bom Jardim, 2005.
 História oral, histórias de família, fotografia e vídeo.
 Acervo da artista.

Considerações finais

Neste artigo, ao problematizar os conceitos espaço e lugar, destaquei a relevância da associação entre política do lugar e política da identidade como estratégia para criar lugares de enunciação. Demonstrei que as escritas e atos autobiográficos, quando situados criticamente, podem oferecer uma metodologia de confronto à colonialidade e, portanto, indicar caminhos que conduzam ao “vir a ser” decolonial. Chamo tal metodologia de “autobiogeografia” e sugiro que ela seja utilizada em diversas práticas com o objetivo de estimular o florescimento de uma consciência imigrante que, por sua vez, possa revelar pontos de origem e rotas de dispersão capazes de reposicionar sujeitas e sujeitos no e com o mundo de forma liberadora, transformadora e, portanto, cheia de sentido.

Notas

¹ “Carl Sauer (1889-1975) dominated North American cultural geography throughout his lifetime and particularly during his years as head of the influential Berkeley School, a position which he assumed at the age of 33 and

which he held until three years before his retirement in 1957” (JACKSON, 1989, p. 10). Sauer “[...] restricted his comments and the great majority of his own research effort to the material aspects of culture as expressed in the ‘cultural landscape’. It was his excessive focus on the material elements of culture and their representations in landscape that had such a profound influence on the development of American geography” (JACKSON, 1989, p. 11).

² Ver David Lowenthal, Anne Buttner, David Ley, Edward Relph e Yi-Fu Tuan (HUBBARD, KITCHIN, 2011).

³ “Tuan sought for an expansion of his geographical concepts towards the metaphysical, ethical and aesthetic (RODAWAY, 2011). He wrote, ‘we continue to discover who we are as we open ourselves to new sources of nurture and experience’ (TUAN, 2004, p. 4). This search for self-expansion led him to explore fields beyond geography, including the arts and literature. Along his career as an academic based on the field of humanist geography, works of art and literature have served as platforms for his geographical thought and practice. Virginia Woolf, Raymond Williams, Frank Lloyd Wright, Oscar Wilde, Simone Weil, Leo Tolstoy, J.R.R. Tolkien and William Shakespeare are among the writers, architects and artists who are referenced in his works. However, there is one that fascinates him the most: the naturalist, explorer and philosopher Alexander von Humboldt, whom he considers a ‘hero’ figure, since he not only worked to explain the physical world, but ‘was among the first to use landscape painting and poetry to extend the range of geographical experience – feeling, emotion, and concept’ (RODAWAY, 2011, p. 428)” (AFONSO, 2016).

⁴ “A maioria dos trabalhos na literatura e na geografia humanística tem compartilhado uma visão elitista de cultura e um interesse obsessivo pela paisagem” (tradução minha).

⁵ Para Jackson, “[...] ‘culture’ refers to the codes with which meaning is constructed, conveyed, and understood. [...] cultures are *maps of meaning* through which the world is made intelligible. Cultures are not simply systems of meaning and value carried around in the head. They are made concrete through patterns of social organization. [...] Cultures therefore also involve relations of power, reflected in patterns of dominance and subordination” (Jackson, 1989, p. 2, *itálicos do autor*).

⁶ “É na especificação do contexto, no seu sentido mais completo, que a geografia pode contribuir de forma mais imediata para os estudos culturais [...]” (tradução minha).

⁷ A reivindicação do “pessoal” como “político”, por meio da máxima feminista “o pessoal é político”, está nas bases do feminismo dos anos 1960: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html> (Acesso em 17 de junho de 2017).

⁸ “Se tudo está se movendo, onde é o aqui?” (tradução minha).

⁹ “Como muitos dos meus contemporâneos, tenho ansiedade encontrar meu lugar neste mundo (...). Preciso viver onde eu posso andar [...]” (tradução minha).

¹⁰ A autora cunhou o termo “autohistoria” para descrever um gênero de escrita sobre “one’s personal and collective history using fictive elements, a sort of fictionalized autobiography or memoir”, e o termo “autohistoria-teoria” como “a personal essay that theorizes” (ANZALDÚA, KEATING, 2002, p. 578).

¹¹ Neste artigo, tomo o termo “re-existência” com base nas reflexões de Albán Achinte sobre a arte como uma pedagogia decolonial que cria outras formas possíveis de resistir e existir (ALBÁN ACHINTE, 2013).

¹² “Quando eu escrevo parece que estou talhando osso. Parece que estou criando minha própria face, meu próprio coração – um conceito Nahuatl. Minha alma se faz através do ato de criação” (tradução minha).

¹³ De acordo com Mignolo, “in the disputes of the control of knowledge, of authority, of the economy, of the norms regulating gender and sexuality, and the assumptions regulating racial classification of people and of regions, there are several options [Christian option, liberal option, Marxist option, Islamic option, feminist option, and so on]” (MIGNOLO, 2011b, p. xv). Uma das características da opção decolonial é, por exemplo, “the analytic of the construction, transformation, and sustenance of racism and patriarchy that created the conditions to build and control a structure of knowledge, either grounded on the word of God or the word of Reason and Truth” (MIGNOLO, 2011b, p. xv).

¹⁴ “O sentir biográfico do corpo negro no Terceiro Mundo, ancorando uma política do conhecimento que está enraizada no corpo e nas histórias locais” (tradução minha).

¹⁵ “Para as pessoas de descendência européia, por estarem em um lugar cuja história não é a história de seus antepassados; para os indígenas ou “povos originários” que construíram sua história na terra que habitaram, e depois se viram fora do lugar quando sua forma de vida e suas instituições, educação e economia foram deslocadas, destruídas e substituídas por modos de vida e instituições de imigrantes de países europeus; para os africanos vindos de várias partes da África, com suas diferentes línguas e crenças, modos de vida e instituições, e que se viram numa terra cujas histórias não pertenciam aos seus antepassados e, em contraste com os europeus, numa terra cuja estrutura social os colocou no ponto mais baixo da escala” (tradução minha).

¹⁶ Verificou-se que a fonte acadêmica mais remota do termo *autobiogeography* refere-se ao artigo publicado por Wolf-Meyer e Heckman (2002). Já as relações entre geografia e autobiografia são mais numerosas, porém aqui é relevante ressaltar o texto de Regard (2002). Vale observar que as proposições de ambos os autores não se referem a uma abordagem decolonial, e é justamente a ela que me dedico no presente artigo ao propor uma autobiogeografia crítica e situada no contexto da opção decolonial.

¹⁷ “Uma vez que você dê este passo, mesmo que você não tenha adquirido esses conhecimentos e entendimentos como membro de uma cultura indígena ou afro-caribenha, ou qualquer outra cultura e civilização não-ocidental, se você é de descendência européia e sangue misto, uma vez que você percebe que você também foi colonizado, que sua mente, seu corpo, seus sentidos, seu olhar, sua escuta foram modeladas pela matriz colonial do poder, isto é, pelas suas instituições, línguas, música, arte, literatura, etc. - ou o que é o

mesmo que a Civilização Ocidental - você começa a "se curar". O processo de cura é o de se tornar um sujeito decolonial ou 'aprender a ser'" (tradução minha).

Referências Bibliográficas

- AFONSO, Manoela dos Anjos. *Language and place in the life of Brazilian women in London: writing life narratives through art practice*, 262 f. Tese de doutorado (Doctor of Philosophy in Arts) Chelsea College of Arts, University of the Arts London, Londres, 2016.
- ALBÁN ACHINTE, Adolfo. *Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos*. In: WALSH, Catherine (ed.) *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*, Quito: Abya Yala, 2013, pp. 443-468.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands, La Frontera: the new mestiza*. 4ª ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ANZALDÚA, Gloria; KEATING, AnaLouise. *This bridge we call home: radical visions for transformation*. New York: Routledge, 2002, pp. 540-579.
- ANZALDÚA, Gloria; MORAGA, Cherríe. *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table Women of Color Press, 1983.
- CANTÚ, Norma; HURTADO, Aída. *Breaking borders/constructing bridges: twenty-five years of Borderlands/La Frontera*, In: ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands, La Frontera: the new mestiza*. 4th ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012, pp. 3-13.
- GAZTAMBIDE-FERNANDEZ, Ruben. *Decolonial options and artistic/aestheSic entanglements: an interview with Walter Mignolo*, In: *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, 3(1), 2014, pp. 196-212.
- HOOKS, bell. *Yearning: race, gender, and cultural politics*. Boston: South End Press, 1990.
- HOOKS, bell. *Art on my mind: visual politics*. New York: The New Press, 1995.
- HOOKS, bell. *Belonging: a culture of place*. New York: Routledge, 2009.
- HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob. (eds.) *Key thinkers on space and place*. 2ª ed. London: Sage, 2011.
- JACKSON, Peter. *Maps of meaning: an introduction to cultural geography*. London: Routledge, 1989.
- KEATING, AnaLouise (ed.). *The Gloria Anzaldúa reader*. Durham: Duke University Press, 2009.
- MASSEY, Doreen. *Space, place and gender*. Cambridge: Polity Press, 1994.
- MASSEY, Doreen. *For space*. London: Sage, 2005.
- MASSEY, Doreen. *Concepts of space and power in theory and in political practice*, In: *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 55, 2009, pp. 15-26.
- MASSEY, Doreen; JESS, Pat (eds.). *A place in the world?: places, cultures and globalization*. Oxford: Oxford University Press e Open University, 1995.
- McDOWELL, Linda. *Gender, identity and place: understanding feminist geographies*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- McKITTRICK, Katherine. *bell hooks*, In: HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob. (eds.) *Key thinkers on space and place*. 2ª ed. London: Sage, 2011, pp. 242-248.
- MIGNOLO, Walter. *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MIGNOLO, Walter. *Delinking: the rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality*, In: *Cultural Studies* 21(2-3), 2007, pp. 449-514.
- MIGNOLO, Walter. *Epistemic disobedience and the decolonial option: a manifesto*, in *Transmodernity*, 1(2), 2011a, pp. 44-66.
- MIGNOLO, Walter. *The darker side of Western modernity*. Durham: Duke University Press, 2011b.
- MIGNOLO, Walter. *Geopolitics of sensing and knowing: on (de)coloniality, border thinking, and epistemic disobedience*, In: *Confero*, 1(1), 2013, pp. 129-150.

- MOORE-GILBERT, Bart. *Postcolonial life-writing: culture, politics, and self-representation*. London: Routledge, 2009.
- REGARD, Frédéric. *Autobiography and geography: a self-arranging question*, In: *Reconstruction*, 2(3), 2002. Disponível em: <http://reconstruction.eserver.org/Issues/023/regard.htm> [Acesso em 5 de Julho de 2016].
- RODAWAY, Paul. *Yi-Fu Tuan*, In: HUBBARD, P. and KITCHIN, R. (eds) *Key thinkers on space and place*, 2nd edn. London: Sage, 2011, pp. 426-431.
- ROSE, Gillian. *Feminism and geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Polity Press, 1993.
- ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. Thousand Oaks, Canada: Sage, 2001.
- SANTOS, Boaventura. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. London: Paradigm Publishers, 2014.
- SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. *Reading autobiography: a guide for interpreting life narratives*, 2ª ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- TUAN, Yi-Fu. *Humanistic geography*, In: *Annals of the Association of American Geographers*, 66 (2), 1976, pp: 266-276.
- TUAN, Yi-Fu. *Place, art, and self*. New Mexico: Center for American Places, 2004.
- WOLF-MEYER, Matthew; HECKMAN, Davin. *Navigating the starless night: reading the auto/bio/geography, meaning-making*. In: *Reconstruction*, 2(3), 2002. Available at < <http://reconstruction.eserver.org/Issues/023/intro.htm> > [Accessed on July 5 2016].
- WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP OF THE IBG. *Geography and gender: an introduction to feminist geography*. London: Hutchinson, 1984.

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

Doutora (PhD) em artes pelo Chelsea College of Arts, University of the Arts London (CCW/UAL), Mestre em Cultural Visual pela Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atua como professora assistente e coordenadora do curso Artes Visuais – Bacharelado. Lidera o projeto de pesquisa “Práticas Artísticas Autobiográficas: intersecções entre artes visuais, escritas de vida e decolonialidade”. E-mail: manoafonsorodrigues@gmail.com.